



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8283 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

**RESISTIR PARA (RE)EXISTIR: PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE MULHERES
NEGRAS A PARTIR DE ENCONTROS COTIDIANOS**

Danielle Christina do Nascimento Oliveira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

**RESISTIR PARA (RE)EXISTIR: PROCESSOS IDENTITÁRIOS DE MULHERES
NEGRAS A PARTIR DE ENCONTROS COTIDIANOS**

O presente trabalho é parte da pesquisa em andamento “Mulheres negras e suas redes de afetos: (Des)construções identitárias a partir de um olhar sobre a solidão da mulher negra”, tendo como objetivos problematizar os impactos e os conflitos cotidianos que as diversas redes educativas produzem a partir da naturalização do racismo. Este trabalho, narra a trajetória de mulheres negras a partir do encontro delas com/na Universidade pública. Fazendo-se necessário repensarmos o quão importante são esses espaços, sobretudo para a população negra e periférica.

E, em 2016 o governo do Estado do Rio de Janeiro decretou “estado de calamidade pública devido à crise”, todas as áreas estavam indo de mal a pior. O “projeto” elaborado para derrubar a presidência estava caminhando a passados largos, e acarretou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff – golpe de 2016. A população pedia socorro com tamanha desesperança em relação ao novo governo. Ministérios foram destituídos e até findados, projetos que levaram anos para serem colocados em prática de forma sólida e consciente foram engavetados. As áreas da saúde e educação foram as mais prejudicadas, sobretudo no tocante a Cultura e Pesquisa do país.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, foi/é uma das mais atingidas por esse “projeto de desmonte da educação pública”, e, sem dúvida os estudantes de baixa renda foram os mais afetados. Sendo a UERJ pioneira em programas públicos e sociais que transformaram a realidade brasileira, como as Ações Afirmativas para ingresso e permanência de estudantes negros, indígenas, periféricos e de baixa renda no ensino superior, com intuito de democratizar o acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, se viu sem saber o que fazer para não perder esses estudantes que usufruem de seus direitos a tão pouco tempo – desde os anos 2000 com a reserva de vagas.

Grande parte desses estudantes, sobretudo aqueles que além da bolsa permanência (oriunda do ingresso pelo sistema de cotas) ainda possuía bolsa de extensão, iniciação

científica ou iniciação à docência, e assim eram “impedidos de trabalhar fora da universidade” devido a carga horária etc., precisaram procurar trabalhos outros que os ajudassem a se manter naquele espaço durante os atrasos das bolsas.

E, foi nesse momento de caos, que surgiu esse projeto de pesquisa. Em um período, onde só era possível para alguns estudantes e funcionários permanecerem na Universidade pública através de doações e/ou vendas de doces, salgadinho e acessórios, pelos corredores e dentro dos (poucos) elevadores; ofertando aulas particulares dentro e fora do campus; e, participando de rodas de conversas e fortalecimento.

Apesar de todas as dificuldades, a UERJ estava viva, e seguiu se reinventando e resistindo com a ajuda de todos, sobretudo das mulheres. FRANCO (2017) nos lembra que: “Predominam nas favelas e na periferia, mulheres com essas características que, no entanto, são potência de criatividade, inventibilidade e superações das suas condições, nas formas de vida e nas organizações sociais em seus territórios, e alcançam em seus múltiplos fazeres centralidade na cidade” (p. 90).

Muitas mulheres “tornaram-se negras” (SOUZA, 1983) a partir de experiências e descobertas no “encontro” (PASSOS, 2014) com esta Universidade pública – espaços de formação –, afinal, para muitas essa foi (talvez) a primeira oportunidade de ocupar outros espaços de valorização e ressignificações de conhecimentos/saberes, seja como estudantes ou trabalhadoras deste local.

Para Dandara e Luísa, estar neste espaço é um sonho realizado. Elas se cruzaram a primeira vez na saída da estação do MetrôRio - Maracanã, enquanto caminhavam sentido a UERJ. Após alguns encontros, Luísa – funcionária terceirizada –, sugeriu a Dandara – estudante cotista –, que marcassem um ponto de encontro diária na estação do MetrôRio - Pavuna, tendo em vista que as duas vinham todos os dias de locais próximos, na Baixada Fluminense-RJ.

No auge da crise, elas buscaram estratégias para resistirem e não desistirem deste local tão almejado. Luísa, mãe de 5 filhos, solteira, diz que sonha em ver a filha mais nova formada por uma Universidade pública, mas não disfarça o medo que sente, dela resolver seguir os caminhos da irmã mais velha que trabalha com prostituição. Ela vê em Dandara uma esperança, tendo em vista que ela se parece com sua filha caçula.

Com o atraso dos pagamentos de salário, ela passou a fazer bolo de pote para vender na rua e na UERJ. Já Dandara, vinda de uma família matriarcal, foi ensinada desde cedo a ser forte. Perdeu o pai ainda na infância. Sua mãe, viúva pela segunda vez, é dona de casa. Assim como Luísa, a mãe dela também sempre incentivou os filhos a estudarem. Mesmo não tendo cursado o ensino superior, desejava que as filhas cursassem. Ela sempre fez de tudo para ajudar a filha a se manter na Universidade.

Com o atraso das bolsas, Dandara começou a revender (dentro e fora da Universidade) acessórios femininos, inicialmente eram apenas bolsas e lingerie, depois foram surgindo outras demandas, tais como: produtos caracterizados como de higiene pessoal, perfumaria e, cosméticos sensuais e eróticos. Com a chegada dos novos produtos, as vendas aumentaram (sobretudo nos andares majoritariamente femininos), mas novas questões também começaram emergir.

As viagens de metrô nunca mais foram as mesmas. Dandara e Luísa, passaram a questionar-se sobre suas próprias vidas, e perceberam que elas tem mais em comum com as clientes do que elas imaginavam. Sentindo-se acolhida para falar abertamente sobre questões tão profundas que marcam toda sua trajetória, Luísa, relata que foi violentada sexualmente na

adolescência, e desde então seus únicos parceiros (fixos) foram os pais de seus filhos: sendo o primeiro alcoólatra e tendo outra família, e o segundo tendo abandonado ela durante a gestação da sua última filha. Há quase 10 anos ela não se relaciona com ninguém.

Nesse sentido, este trabalho é atravessado por questões de raça, gênero, classe e geração, e, contribui e também dialoga com as pesquisas cotidianas, com seus praticantes que tecem e articulam redes de conhecimentos e significações como orientação de suas ações/práticas; e traz reflexões acerca do protagonismo e dos processos identitários afrodiáspóricos de mulheres negras, visto que esses “encontros” (que também é a metodologia) proporcionam trocas de conhecimentos, afetos e alteridade, oportunizando-nos a repensarmos o quão importante são esses espaços formativos, as redes e as representatividades negras que ocupam esses locais. Afinal, permite-nos aprofundar os estudos e as possibilidades de se pensar nos corpos negros e nas (des)construções das sexualidades, principalmente no contexto brasileiro – das mulheres negras periféricas –, historicamente pautado pela branquitude com a hipersexualização desses corpos desde a infância.

Palavras-chave: Mulheres negras. Processos identitários. Redes educativas. Representatividade negra.

Referências

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. *In*: Winnie Bueno, Joanna Burigo, Rosana Pinheiro-Machado, Esther Solano. (Org.). **Tem Saída? Ensaio crítico sobre o Brasil**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017, p. 89-95. ISBN: 978-85-8049-058-9. Disponível em: <<http://www.editorazouk.com.br/Capitulo-MarielleFranco.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2020.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. *In*: **Educar em Revista**. Curitiba: Editora UFPR, n. 51, jan./mar. 2014, p. 227-242. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/33398/22082>>. Acesso em: 05 set. 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 1983.